

E quando o lixo está em nós?

VICTOR ROCHA

Tudo o que incomoda pela inutilidade parece destinado ao descarte.

O que perde o valor de uso, seja material ou não, cabe no conceito de lixo, carregado de todos os seus preceitos. Ainda assim, o que é rejeitado tem a chance de se renovar, ou simplesmente permanecer. Com o lixo cultural não é diferente. Por vezes, ideais aparentemente abolidos e completamente descartáveis são apenas deixados de lado, escondidos como uma realidade incômoda, varridos para baixo do tapete. Mesmo com uma aparência límpida, o cheiro não deixa enganar. O que foi regra e passou a ser descarte social, eticamente tratado como lixo cultural, resiste como entulho. Esta breve introdução precede uma abordagem incomum do tema, discutindo um lixo talvez mais incômodo que todos os outros, que se esconde no ideário humano, na vergonha da sociedade. O que um dia foi natural e hoje é unanimemente descartado. Propomos ao leitor uma discussão sobre o próprio caráter do homem em paralelo com os preceitos sociais, explorando os motivos de uma cultura que se



O historiador Francis Fukuyama

renova e restabelece regras morais. Em pouco tempo, o que era belo vira lixo.

Uma cultura que descarta

Segundo Francis Fukuyama, em seu artigo “O fim da história”, publicado em 1989, o homem teria encontrado um modelo definitivo de ideologia na estabilização da democracia

liberal. Pela primeira vez na história foi formado um forte consenso internacional em torno de determinadas ideias políticas e econômicas. “Talvez o que estamos testemunhando não seja exatamente a passagem de um período determinado pós-guerra, mas o ponto final da evolução ideológica da humanidade e o surgimento da democracia liberal ocidental como forma

DIVULGAÇÃO

definitiva de governo humano”, afirmou na publicação.

Fica implícita a crença de um modelo perfeito de governo, capaz de sobrepujar todos os criados anteriormente. Fukuyama chega a apontar o comunismo como um exemplo do que seria a manifestação de uma força de atraso durante o período da guerra fria, e que, no entanto, não teve a capacidade de se consolidar. Ideologias como essa fariam parte de um enorme grupo de pensamentos descartados, que teriam perdido por completo sua função.

Para o antropólogo Bernardo Conde, não é possível apontar algum modelo como certo ou errado, muito menos acreditar em um descarte completo de costumes. “As ideologias se adaptam às necessidades de uma cultura. Talvez uma ideia perca sua utilidade para esse momento e deva realmente ser descartada, afastada como lixo. Ainda assim, não podemos acreditar que ela vai ser abolida definitivamente. Algumas vezes damos voltas para acabar em um mesmo lugar, onde teremos que recorrer a hábitos passados”, comenta.

A globalização aproximou ideologias e fez com que inúmeros costumes se adaptassem a um sentido comum entre os povos. Este fenômeno melhorou a aceitação das diferenças e fez com que as ideias tidas como lixo social passassem por uma peneira. Abolir completamente um pensamento ou comportamento ficou mais difícil, porém, o que foi apontado de forma unânime como lixo acabou ganhando destaque e aspecto global. Os



Escravos voltando da plantação de café

direitos humanos e a criação de leis universais constituídas pelas Nações Unidas acabaram como uma maneira de distinguir o que é moralmente descartável e formar uma ética mundial.

Fukuyama acredita que esta união elaborada de valores fez com que o homem alcançasse o fim de uma evolução. Para Bernardo, não se pode falar em evolução quanto à cultura. “Cada povo lida com suas próprias soluções de acordo com sua estrutura, necessidades e época. Não podemos estar presos ao passado, mas também não devemos tentar apagá-lo”, afirma o antropólogo. Segundo ele, uma evolução cultural a partir da convergência de costumes na globalização ainda é constantemente debatida por pesquisadores. Uma discussão que já teria sido resolvida em outro momento da história. “Roma, por exemplo, já tentou dominar o mundo e estabelecer a sua cultura como ideal, como algo a ser alcançado.

Mas essa teoria de um caminho linear, sempre para frente e para cima, já ficou para trás. É completamente equivocada. Cada povo caminha com seus próprios pés”, finaliza Bernardo.

O racismo deliberado: lixo sem um fim definitivo

O racismo é um dos mais fortes exemplos de lixo ideário e cultural. O que um dia foi bem aceito chegando a ser peça fundamental da política e economia no formato de escravidão, hoje é legalmente imoral, sob o primeiro artigo da Lei nº 9.459, de 1997: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Uma mudança completa na qual a ideia passa de padrão cultural a crime.

Há registros que apontam para a escravidão desde os primórdios do homem na terra. Os povos vitoriosos já aprisionavam seus



Prof. Oswaldo Munteal Filho, historiador e professor da PUC-Rio, UERJ e FACHA

inimigos vencidos em batalha e os utilizavam como mão de obra involuntária, adquirindo direitos de propriedade e em alguns casos chegando a comercializá-los com terceiros. A partir do momento que um homem notou poder controlar outro pela força, estava instaurada a lei do domínio de servidão. Os escravos eram tidos como propriedades e sua qualidade de venda variava de acordo com seus atributos físicos e capacidade de trabalho.

Entre as civilizações de costume escravista, a servidão forçosa foi quase sempre impregnada de forma tão contundente à cultura que o regime passou a fazer parte fundamental da sua estrutura e economia. Pode-se citar Roma e Grécia como exemplos de grandes impérios com um enorme número de escravos. Ainda assim, os servos tinham direitos e a possibilidade de comprar sua liberdade.

A escravidão por subjugo da raça, que leva em conta o pre-

conceito racial e certa inferioridade evolutiva, apenas surgiu em meados do século XV, na era moderna com o tráfico do povo africano e indígena. O racismo teria predominado como algo comum e socialmente compreensível. O pensamento teria chegado ao fim apenas com o surgimento do ideal liberal e da ciência econômica na Europa. Ainda é aceito academicamente que a escravatura foi considerada pouco produtiva e moralmente incorreta neste período, culminando em seu fim. Com a expansão deste ideário pelo planeta, o regime escravista e o preconceito racial foram, aos poucos, se extinguindo do mundo até finalmente se tornar um lixo moral. A escravidão teria acabado junto com um período de ignorância.

Para o professor Oswaldo Munteal, historiador e coordenador do núcleo de pesquisa das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA), o que pode ser entendido como um momento de natu-

ralidade do preconceito não passava de acomodação, sobretudo no Brasil. “O homem continua sendo o mesmo da antiguidade ao contemporâneo, no ponto de vista de suas paixões e busca por uma ética, ideal de beleza e bom senso. A banalidade do mal no século IX, da exploração pelo medo e do preconceito não é necessariamente uma questão de normalidade do preconceito, mas sim uma construção social, de hábitos”. Oswaldo conta que houve uma contribuição muito forte do próprio pensamento liberal, pois o racismo partiria de uma construção social e política. “O liberalismo à brasileira, por exemplo, não tinha um inimigo a ser batido. No Brasil foram quase 400 anos de escravidão em apenas 500 anos de história e nesse processo fixaram-se ideias e hábitos, uma espécie de padrão social”, comenta Oswaldo.

Segundo o historiador, o Brasil é um ponto de partida perfeito para se estudar a escravidão no mundo, já que passou por um dos piores casos. Ele comenta que o país tem como recorde negativo o fato de ter sido o último a abolir a escravidão e que isso seria fundamental para a fixação de um racismo parcialmente velado, que ainda resiste. “O nosso *liberalismo à brasileira* não foi capaz de contrapor essa evidente diferenciação ética, de raça e cor. Nós não tivemos uma defesa de liberdades democráticas, pelo contrário. Tivemos uma ratificação do preconceito e exclusão social. O princípio de democracia racial no Brasil é falho, falso, mentiroso e artificial. Não há democracia racial no Brasil”, afirma o pesquisador.

Ainda que tenham ocorrido, são pouco estudados os inúmeros movimentos de resistência à escravidão africana e indígena no Brasil. Normalmente, os estudos apontam apenas para Zumbi dos Palmares. A luta por mudanças não se limitou aos que eram afetados diretamente. Desde o início da escravidão havia também uma resistência ideológica, ainda que pequena, de alguns homens livres. Segundo Oswaldo Munteal, se há resistência, há uma alternativa de pensamento. Ele acredita que este mesmo fenômeno de acomodação que teria tomado o mundo no período de escravidão e comércio de negros, ainda resiste, se recriando em outros formatos. “Não houve só uma naturalidade ou uma banalização, mas uma construção social de 400 anos. Isto nos dá uma sensação de normalização, como hoje é normal existir a pobreza. Da mesma forma se



tornou normal conviver com as favelas e até denominá-las de comunidade. O conceito certo é mesmo favela. E ainda passaram a acreditar que ela tem a função essencial de servir como um local apropriado para o pobre”.

A questão se torna mais contundente na medida em que não se sabe ao certo se o preconceito parte de uma cultura preestabelecida ou da natureza do próprio homem, já que mesmo após um descarte completo de um pensa-

mento moral, é evidente sua permanência prática. Segundo Umberto Eco em *O fascismo eterno*, os modelos políticos e culturais mudam a estrutura de um povo. Para o autor, o fascismo ainda estaria presente em cada ato individual de preconceito, mesmo com o fim do totalitarismo. Algo que os historiadores chamam de “estrutura de longa duração”, onde um povo se acostuma e fixa profundamente um pensamento que resiste por eras. O racismo persiste e cria novas formas e vítimas mesmo que não haja escravidão. Os antigos ideais de beleza e orgulho ainda incomodam, fragmentando povos e culturas. Gilberto Freyre afirmou em sua obra-prima *Casa Grande e Senzala*, que a mistura de raças poderia salvar o povo brasileiro. Enquanto o preconceito continuar afastando e desligando os homens de sua própria origem, ainda estaremos muito distantes da redenção. 🐸

Para pensar no assunto

Filmes

Arquitetura da destruição, *Peter Cohen*
Homo Sapien 1900, *Peter Cohen*
Triunfo da vontade, *Leni Riefenstahl*

Leitura complementar sobre os ideais liberais e a escravidão

Roberto Schwarz – As ideias fora do lugar
Maria Sílvia de Carvalho Franco – As ideias estão no lugar
Fernando Henrique Cardoso – As ideias e o seu lugar
Umberto Eco – O fascismo eterno

Tem racismo de que?

Um novo projeto de lei que coíbe ações racistas foi elaborado pelo deputado Hermas Brandão, presidente da Assembleia Legislativa do Paraná, atendendo ao pedido de representantes da comunidade negra do Estado, Instituto de Pesquisa da Afrodescendência e do Instituto Brasil África. O projeto prevê a criação de um SOS Racismo, uma central telefônica que receberá denúncias e dará orientações para as vítimas de práticas racistas. A ideia surgiu após a fixação de adesivos na cidade, constando “100% branco”.

Pesquisa revela crescimento de racismo em países europeus

Um estudo encomendado pelo Ministério do Interior da Alemanha apontou que de 45 mil jovens entre 14 e 16 anos, do sexo masculino, 20% deles têm fortes tendências xenófobas. O mesmo estudo da União Europeia, mostra a incidência de racismo contra brasileiros. Um exemplo disso é o que acontece em Portugal, onde 44% dos 64 mil brasileiros que moram legalmente no país sofrem discriminação. Conforme a pesquisa, 37% dessas pessoas afirmam terem sido discriminadas de alguma forma. Outro país mencionado na pesquisa é a Espanha, onde 36% dos imigrantes africanos e 41% dos subsaarianos afirmam ter sofrido algum tipo de discriminação. Um fator importante é que pelo fato de sofrerem constantes ameaças, as vítimas não procuram ajuda e nem denunciam os casos de racismo.